



DE GRAVURAS E CIDADES – PESQUISA EM MATERIAIS E POÉTICAS VISUAIS

José César Teatini de Souza Clímaco. UFG

RESUMO: Tento com este texto fazer uma reflexão sobre meu processo de criação, meu trabalho artístico atual, que versa sobre a questão urbana – a cidade – realizados através de processos de gravura e de recortes, colagens e pinturas em papelão, com remissões a outros experimentos em desenho, fotografia e mídias digitais. Simultaneamente, pretendi desenvolver uma reflexão sobre minhas concepções de pesquisa em arte, alinhando-a com meu processo de criação.

Palavras-chave: gravura, papelões, processo de criação, pesquisa em arte.

RESUMEN: Con este texto intenté hacer una reflexión sobre mi proceso de creación, mi trabajo artístico actual, que versa sobre la problemática urbana, la ciudad. Trabajo este realizado a través de procesos de gravado y de recorte, pegado y pintura en cartón, con alusión a otros experimentos en diseño, fotografía y medios digitales. Simultáneamente, pretendí desarrollar una reflexión sobre mis concepciones de investigación en arte, hilvanándola con mi proceso de creación.

Palabras clave: gravado, cartones, proceso de creación, investigación en arte.

Minha concepção de pesquisa em arte, dito de uma forma bem sintética, pressupõe duas coisas básicas, a saber, uma produção artística e uma reflexão escrita sobre essa produção. Uma produção artística em andamento, o que quer dizer que produção e reflexão acontecem simultaneamente, ou paralelamente. Isso significa que podemos dizer que sem uma produção artística não há pesquisa em arte. Não podemos falar de pesquisa em arte, ou de pesquisa em poéticas visuais, se não existe, ao mesmo tempo, um trabalho de produção de arte do artista/pesquisador.

Poderíamos abrir aqui uns parênteses, para não deixar passar em branco, uma pergunta que não quer calar: existe arte sem pesquisa? Essa é outra questão, muito interessante, não necessariamente para discutir nesse momento, mas que não deve ser descartada.

Pesquisa em arte significa primeiramente ter um tema, um assunto, um motivo, ou um problema sobre o qual trabalhar, se preocupar, pensar, investigar, aprofundar e produzir. Significa também, claro, chegar à realização de um trabalho concreto, a uma produção, a uma possível resposta, ou (e/ou), provavelmente, a mais questões, mais dúvidas, mais reflexões.

A pesquisa se constrói conforme o tema, o assunto, a técnica, a proposta de trabalho. Pode incluir a investigação teórica, bibliográfica, leitura em áreas muito específicas como, por exemplo, a filosofia, ou a antropologia, ou a psicologia, ou a física, ou qualquer outra área de conhecimento, como também pode abarcar, simultaneamente, mais de uma dessas áreas ou um leque grande de abordagens. Entendo que, necessariamente, não precisa se prender a uma determinada especificidade e as leituras devem caminhar segundo o trabalho em realização. Muitas vezes o trabalho se faz, mais do que é feito. Explico: nem sempre o artista domina o trabalho, em geral tem uma visão que, por vezes, pode ser muito vaga, do que quer ou pretende, e essa pretensão vai se formando, devagar, à medida que vai trabalhando – e estudando –, até chegar a um termo. A pesquisa teórica, as leituras, as reflexões, influenciam o trabalho artístico, mas, da mesma forma, o trabalho influencia a pesquisa.

A arte se faz com muita vontade, como uma forma do artista ver o mundo, e uma forma de expressar esse mundo (ou de se expressar nesse mundo), que vem por sua vez de sua experiência/vivência desse mundo, do lugar em que nasceu e se criou, da forma em que foi criado/educado, da classe social a que pertence, da cultura (leia-se país, estado, cidade, região) em que cresceu, dos estudos que teve ou que não teve. E vendo, observando, estudando, captando, atentamente, compulsivamente. E com muito trabalho. “O pintor não parte do nada: é da vida que ele vai extrair o tema para sua obra e, simultaneamente, traz consigo reflexos de sua vida” (CARMO, 2004, p. 134).

Meu projeto de pesquisa, cadastrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás, tem como título *Produção artística – experimentação de materiais*, título genérico, porque não se restringe às

experiências com os materiais e suportes; tem forte preocupação com a poética desses materiais e seus significados e propósitos para a concepção e confecção da obra.

Meu tema tem sido nos últimos anos a cidade, particularmente a cidade grande e sua problemática. E o exploro sob diferentes formas e materiais, principalmente na gravura e nos trabalhos em papelões, mas tenho feito, sem muitas pretensões, incursões em outros campos, como no desenho e na fotografia.

Começando pelo desenho, costumo dizer que desenho compulsivamente, ainda que sem anseios de realização de um trabalho final elaborado, para ser exposto, mais como um exercício. Carrego sempre comigo um pequeno bloco comum de anotações (que eu chamo caderno de rabiscos) e uma esferográfica. Tenho inúmeros blocos cheios, guardados. Esses desenhos não têm nenhum compromisso, nenhuma preocupação maior, são realmente *rabiscos*, assim como não têm nenhuma temática específica, ainda que estejam quase invariavelmente girando em torno de paisagens urbanas. Não são pensados como projetos, nem esboços. Não os aproveito para realizar uma gravura ou um trabalho de papelão, apesar de que, tenho certeza, eles me servem, inconscientemente, para tal. Talvez nem tão inconscientemente.



Esferográfica sobre papel, 15 x 20 cm, s/d.

Eu fotografo esporadicamente. Vejo, observo mais que fotografo, não carrego comigo constantemente uma câmara, embora muitas vezes sinto que deveria carregar. Entre minhas fotos estão vistas urbanas, edifícios ou conjuntos de edifícios, e paisagens emolduradas por edifícios. Não tenho, porém, uma preocupação documental; no momento da foto, me preocupo mais com o encanto da fotografia, o enquadramento, a expressividade. Também não fotografo para aproveitar a foto posteriormente em gravura ou em papelões, jamais recorro às fotos feitas na elaboração de um novo trabalho. Funciona mais como um registro, um elemento a mais de minhas observações. Às vezes penso que deveria encarar a fotografia como uma linguagem artística a mais, entre os meus processos de trabalho, embora eu careça de mais informações sobre suas técnicas. Tenho retrabalhado algumas dessas fotos também no computador, com ferramentas primárias de computação, pois não tenho conhecimento de *corel* ou de *fotoshop*. Nesse momento fico entre *corrigir* a foto (acentuar ou atenuar brilhos e sombras, cortar e reenquadrar) e alterar profundamente a fotografia, *criando* sobre ela ou com ela, produzindo uma nova imagem sem compromisso com a original. Tenho feito isso, ultimamente, e penso muito em ainda aprofundar-me nessa experiência.

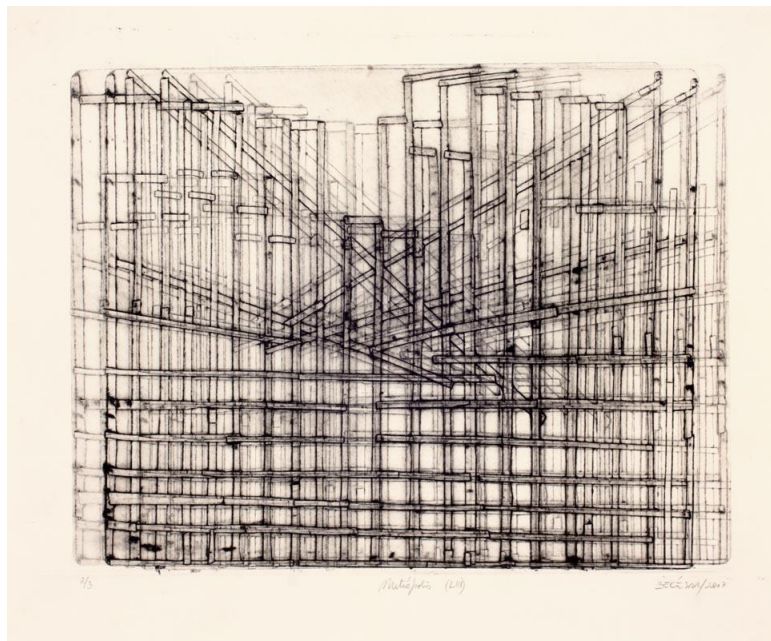


Fotografia, câmera digital Cannon Ixus 960 Is, 2009.

A gravura invariavelmente está cingida a esse tema mesmo. Crio representações de cidades, mas, sem preocupação com realismo ou verossimilhanças. Muitas vezes são apenas formas quase geométricas, quase abstratas, explorando apenas o movimento e a sensibilidade (sensualidade) dos traços ou das formas. Não me decido por uma técnica ou um suporte único. Gosto de variar da xilogravura para a gravura em metal, da litografia para a serigrafia, da matriz de plástico para a colagravura, ou quaisquer outros suportes em que possa gravar uma imagem e imprimi-la. Materiais que encontro ocasionalmente, plásticos, chapas de circuito impresso, fórmicas, acetatos de radiografia, chapas de ofsete usadas, papelões, etc. Tenho procurado tirar partido de todas as possibilidades, fazendo experimentos até mesmo no momento da impressão da gravura. E tenho me esquivado também a obedecer a algumas convenções da gravura. Exploro as possibilidades da impressão, faço sobreimpressões ou deslocamentos na impressão, imprimo sobre outros suportes – como folhas de jornais –, faço colagem de gravuras. Nem sempre realizo uma tiragem de cada gravura, ou faço algumas poucas impressões e continuo trabalhando a matriz e fazendo novas impressões. Esses procedimentos estão descritos um pouco mais detalhadamente no livro que publiquei em 2010¹.

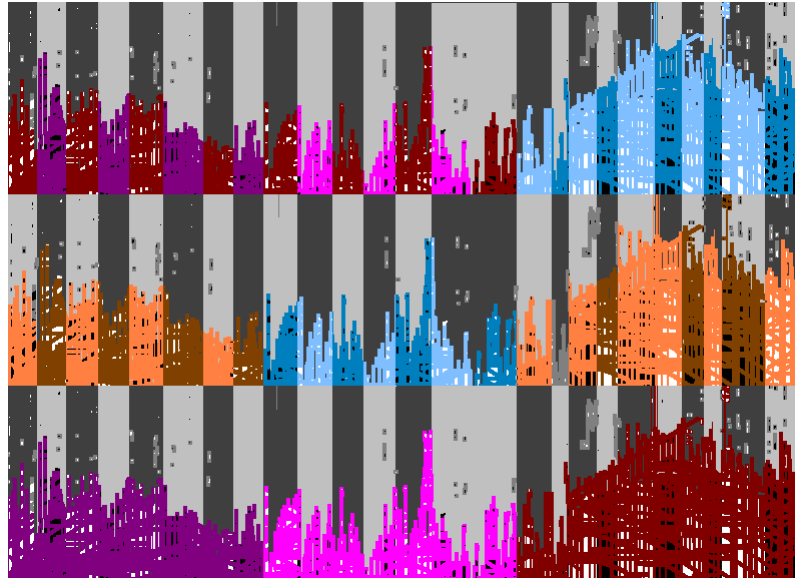


Metrópolis (LXI), gravura em matriz de lona, 30 x 40 cm, 2008



Metrópolis (LIV), colagravura em acetato, 35 x 40 cm, 2007

Chamo de gravura digital as imagens que eu crio no programa do Windows – o *paint brush* – com a intenção de fazer uma tiragem, como uma gravura comum. Eu trabalho no *paint* com o mesmo espírito de gravador, crio diretamente na tela do computador uma imagem virtual que funciona como uma matriz, criada para ser impressa no papel; ou eventualmente, em gráficas especializadas, em outro suporte como a lona plástica. É um programa que, apesar de não ter os recursos que têm outros programas de tratamento de imagens (como *corel draw* ou *fotoshop*, entre outros) utilizados por fotógrafos e *designers*, possibilita trabalhos muito bem elaborados. No geral eu tenho produzido imagens com as ferramentas próprias do programa. Há pouco tempo, porém, comecei a trabalhar sobre algumas imagens escaneadas, como desenhos de meus cadernos de rabiscos ou algumas de minhas fotografias, ou, ainda, sobre alguma imagem encontrada nos arquivos do computador. Mas são experiências ainda incipientes, que pretendo também aprofundar mais.



Gravura digital em paint, s/d.

Há alguns anos já, tenho trabalhado com papelões de caixas de embalagens, cortando, recortando, colando, fazendo incisões. Representando de alguma forma, sem preocupações muito realistas, o aglomerado das cidades, a sobreposição de edifícios, o caos urbano. Ao mesmo tempo transformando em cidades um dos dejetos mais comuns do lixo urbano, a caixa de papelão. O que a cidade descarta eu transformo em sua representação. É um trabalho muito aproximado dos processos de gravura, no momento em que estão muito presentes os cortes e incisões no papelão, proveniente mesmo de minha extensa prática e raciocínio de gravador. Esses trabalhos já renderam várias exposições e um livro de artista².



Metrópolis 27, recorte, colagem e incisões em papelão, 50 x 70 cm, 2004

Até o ano de 2011 não havia trabalhado com cores sobre os papelões. Exceções apenas a algumas caixas cuja embalagem tinha alguns elementos coloridos que me pareceram interessantes aproveitar nas imagens criadas com ele. Mas eram apenas pequenos detalhes, que podiam ser significativos naquela imagem, mas que não constituíam um trabalho a cores. Ultimamente tenho trabalhado com pintura nos papelões.

Mas a ideia surgiu por outras vias. Partiu de um convite – que tomei como um desafio – de pintar alguns instrumentos de percussão feitos por um fabricante de instrumentos artesanais profissionais. São tambores, usados em músicas populares brasileiras, como alfaias, zabumbas e caixas de folias, tamanhos variados, com cerca de um metro e meio de cilindro, por 40 a 60 centímetros de altura. Resolvi fazer nos tambores o mesmo motivo de minhas gravuras e papelões.



Pintura em instrumentos musicais de percussão, 2012

Iniciei *desenhando* com fita crepe imagens de cidades nos tambores, recobrando-os em seguida com tinta e, ao final, retirando as fitas, deixando a descoberto o desenho. Transferi a ideia para os papelões, realizando o mesmo procedimento: *desenhos* com fita crepe que funcionam como máscaras. Em seguida os papelões são pintados, obedecendo às formas criadas com as fitas, trabalhando com pincéis e rolinhos de espumas e tinta acrílica transparente com pigmentos em pó. Depois da pintura as fitas são retiradas e as linhas e formas assim obtidas são recortadas com estilete, deixando aparecer o desenho das imagens nas partes onduladas dos papelões. Dessa forma tenho realizado um trabalho muito mais pictórico.



Pintura e incisões em papelão, Série 1, 80 x 100 cm, 2012

Aproveito ainda as fitas crepes retiradas dessa pintura para um novo trabalho. Desenho com essas fitas pintadas em outro papelão e passo a realizar os recortes nas formas obtidas, ao final, recubro tudo com um verniz acrílico transparente. Tenho assim um trabalho que oscila entre a pintura e um desenho a cores, linhas (fitas) em cores diversas.

Dessas diversas formas tenho investigado sobre *minhas* cidades, as metrópoles e seus problemas. Imagens que recolho do imaginário urbano, da propaganda imobiliária em jornais e revistas e folhetos constantemente distribuídos pelas ruas e sinais de trânsito. E o acompanhamento de discussões e reportagens em periódicos, sobre planejamento urbano, planos diretores, estatutos das cidades, transportes urbanos, etc., etc. Encontro respaldo para minhas preocupações em sociólogos, antropólogos, urbanistas, políticos e escritores ficcionistas que tratam desse mesmo tema e desenvolvem teorias sobre o presente e o futuro das cidades, de nossa qualidade de vida.

Busco também entre os artistas que têm o problema urbano como tema de seus trabalhos, o quê especificamente eles enfocam, sobre que ângulos trabalham, como o desenvolvem, como se expressam tanto em seu trabalho artístico quanto em depoimentos que dão sobre o que estão fazendo. E são muitos, inúmeros, os

artistas que têm a cidade como o foco de seu trabalho, inclusive aqueles que atuam diretamente sobre a cidade, como os grafites e outros trabalhos de intervenção urbana. A esses tenho dedicado minhas últimas leituras na busca de como eles (os artistas – embora alguns não se denominem assim) percebem a cidade tanto quanto o resultado de seu trabalho, a percepção do público urbano com relação às intervenções realizadas.

Da mesma forma, busco, entre os artistas e teóricos da arte, preocupações com a pesquisa em arte, a investigação em poéticas visuais, como procedem ante o desenvolvimento de uma investigação que una o trabalho artístico e o trabalho escrito, a visão artística e a acadêmica. Como estabelecer as redes que reúnem diferentes ramos do conhecimento e o olhar do artista.

NOTAS

¹ CLIMACO, José César Teatini de Souza. **De gravuras e cidades**. Goiânia: Editora da UFG, 2010.

² CLIMACO, José César Teatini de Souza. **Metrópolis**. Goiânia: Editora da UFG, 2008. – Livro de Artista

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Ser artista, ser professor**: razões e paixões do ofício. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ARRAIS, Tadeu Alencar. **A cidade na minha idade**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2010.

BUTI, Marco. **Ir até aqui**: gravuras e fotografias de Marco Buti. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

CARDOSO, S. P.; PINHEIRO, E. P.; CORRÊA, E. L. (Org.) **Arte e cidades**: imagens, discursos e representações. Salvador: EDUFB, 2008

CAMARGO, I.; CARNEIRO, M. **Iberê Camargo/Mário Carneiro**: correspondência. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra/Centro de Arte Hélio Oiticica/Rio Arte, 1999.

CARMO, Paulo Sérgio. **Merleau-Ponty** – uma introdução. São Paulo: EDUC, 2004.

CLÍMACO, José César Teatini de Souza. **De gravuras e cidades**. Goiânia: Editora da UFG, 2010.

CLÍMACO, José César Teatini de Souza. **Metrópolis**. Goiânia: Editora da UFG, 2008. – Livro de Artista

FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Cena**, Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul nº 7, p. 77-88, 2009.

KUNSCH, Graziela. **Urbânia 3**. São Paulo: Editora Pressa, 2008.

SALLES, Cecília A. **Redes da criação** – construção da obra de arte. São Paulo: Horizonte, 2ª. Ed., 2008.

José César Teatini de Souza Clímaco

Nome artístico: ZĒCÉSAR, Doutor em Artes pela Universidad Complutense de Madrid/Espanha, professor da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Exposições em Goiânia, Brasília, Jataí, Anápolis, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima, Brisbane e Madri. Trabalhos em acervo nos Museus de Arte Contemporânea de Goiânia, Municipal de Goiânia, de Arte Contemporânea de Jataí, da UFG e da Biblioteca Nacional de Madrid, Coleção Gilberto Marinho e Acervo do Itamaraty.